

IAN
MCEWAN

AMESTERDÃO

TRADUÇÃO · Ana Falcão Bastos

FICÇÃO · ROMANCE

A Jaco e Elizabeth Groot

*«Os amigos que aqui se encontraram e se abraçaram partiram,
Cada um para o seu próprio erro.»*

W. H. Auden, *The Crossroads*

PARTE I

1

Dois ex-amantes de Molly Lane estavam à espera à porta da capela crematória, de costas para o frio de Fevereiro. Tudo aquilo já tinha sido dito, mas eles voltaram a dizê-lo.

- Ela nunca soube o que tinha.
- Quando soube, era tarde de mais.
- Foi tudo muito rápido.
- Pobre Molly!
- Mmm.

Pobre Molly. Tudo começou com um formigueiro no braço no momento em que o ergueu junto do Dorchester Grill a fim de mandar parar um táxi; uma sensação que nunca desapareceu. Daí a semanas esforçava-se por se lembrar dos nomes de coisas. *Parlamento*, *química*, *hélice* ainda era como o outro, mas *cama*, *nata*, *espelho* já era pior. Só depois do desaparecimento temporário de *acanto* e de *bresaíola* foi ao médico, à espera de que a tranquilizassem. Em vez disso, mandaram-na fazer exames e, num certo sentido, nunca regressou. Com que rapidez a enérgica Molly, no seu quarto de enferma, se tornou prisioneira

de George, o seu taciturno e possessivo marido. Molly, um espírito brilhante, crítica de gastronomia e fotógrafa, a jardineira ousada que fora amada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e que aos quarenta e seis anos ainda conseguia fazer uma «roda» perfeita. A rapidez com que caíra na loucura e no sofrimento tornou-se o tema de todas as conversas: a perda do controlo das funções físicas e, ao mesmo tempo, de todo o sentido de humor, em seguida, a perda do sentido da realidade, entrecortada de episódios de violência e de gritos abafados.

Foi o facto de verem George a sair da capela que fez os amantes de Molly afastarem-se pelo caminho coberto de cascalho e de ervas daninhas. Entraram num recinto com canteiros ovais de roseiras, assinalado por um letreiro, O Jardim da Recordação. Cada planta tinha sido selvaticamente cortada a poucos centímetros do solo gelado, uma prática que Molly achava deplorável. O relvado estava pejado de beatas pisadas, pois era ali que as pessoas costumavam esperar que o funeral anterior àquele a que tinham ido saísse do edifício. Enquanto caminhavam de um lado para o outro, os dois velhos amigos retomaram a conversa que já haviam tido meia dúzia de vezes, sob diversas formas, mas que lhes dava bastante mais consolo do que cantar hinos religiosos.

Clive Linley conhecera Molly primeiro, em 1968, quando ainda eram estudantes e viviam juntos numa casa caótica e instável, no Vale of Health.

— Que fim terrível!

Ficou a observar o vapor do seu bafo a flutuar no ar cinzento. Tinham dito que, nesse dia, a temperatura no centro de Londres ia atingir os onze graus negativos. Onze graus negativos! Havia qualquer coisa de tremendamente errado com o mundo, pois não se podia atirar as culpas para Deus nem para a sua ausência. A primeira desobediência do homem, a Queda, uma curta frase em decrescendo, um oboé, nove notas, dez notas. Clive tinha

o dom do ouvido absoluto e ouviu-as descer a partir do *sol*. Não era necessário anotá-las.

— Refiro-me a morrer dessa maneira — prosseguiu —, sem consciência, como um animal. Ficar diminuída, naquele estado humilhante, antes de poder tomar disposições ou de se despedir. Aquilo apareceu e depois...

Estremeceu. Chegaram ao fim do canteiro muito pisado, deram meia-volta e retrocederam.

— Ela teria preferido matar-se a acabar assim — disse Vernon Halliday. Vivera com ela em Paris durante um ano, em 1974, quando arranjou o seu primeiro emprego na Reuters e Molly fazia um trabalho ou outro para a *Vogue*.

— Morte cerebral e nas garras do George — observou Clive.

George, o editor triste e rico que era louco por ela e que, para surpresa de toda a gente, ela não abandonara, embora sempre o tivesse tratado mal. Olharam para o sítio onde ele se encontrava, à porta, a receber condolências de um grupo de acompanhantes do funeral. A morte dela livrara-o do desprezo geral. Parecia ter crescido uns centímetros, tinha as costas mais direitas e a voz mais profunda, uma nova dignidade estreitara os seus olhos ávidos e suplicantes. Recusara pô-la num lar e fora ele próprio a tratá-la. Durante os primeiros dias, quando as pessoas ainda queriam vê-la, seleccionava as visitas. Só lhe permitia uma pequena dose de Clive e de Vernon, pois considerava que eles a excitavam e, mais tarde, a faziam ficar deprimida com o seu estado. Outra figura masculina fundamental, o ministro dos Negócios Estrangeiros, também era severamente racionada. As pessoas começaram a murmurar e houve referências veladas numa ou noutra coluna de mexericos. E depois o assunto deixou de interessar, pois começou a correr que ela estava horivelmente diferente do que havia sido; as pessoas já não queriam ir vê-la e ficavam satisfeitas por George as impedir. Clive e Vernon, contudo, continuavam a ter prazer em detestá-lo.

Quando deram de novo meia-volta, o telemóvel de Vernon tocou. Ele pediu desculpa e afastou-se, deixando o amigo seguir sozinho. Clive aconchegou melhor o sobretudo e abrandou o passo. Agora devia haver mais de duzentas pessoas vestidas de preto à porta do crematório. Não tardaria a parecer indelicado não ir dizer qualquer coisa a George. Finalmente, ele teve-a, quando ela já não conseguia reconhecer o seu próprio rosto no espelho. Não pôde impedi-la de ter ligações, mas no fim teve-a só para si. Clive começava a não sentir os pés e, ao batê-los no chão, o ritmo deu-lhe de novo a frase em decrescendo de dez notas, *ritardando*, uma trompa de caça inglesa e, erguendo-se suavemente contra ela, em contraponto, violoncelos como uma imagem num espelho. Com o reflexo do rosto dela. Fim. Tudo o que ele queria agora era o calor, o silêncio do seu estúdio, o piano, a partitura inacabada e chegar ao fim. Ouviu Vernon dizer ao despedir-se:

— Ótimo. Torne a escrever a manchete e passe-a para a página quatro. Eu estou lá daqui a umas horas.
— Seguidamente dirigiu-se a Clive: — Malditos Israelitas. Devíamos ir andando.

— Também acho.

Mas, em vez disso, deram outra volta pelo relvado, pois, afinal, estavam ali para o funeral de Molly.

Com um visível esforço de concentração, Vernon resistiu à ansiedade que a sua profissão lhe provocava.

— Era uma rapariga encantadora. Lembras-te da mesa de *snooker*?

Em 1978, um grupo de amigos alugara uma grande casa na Escócia para irem passar o Natal. Molly e o homem com quem andava na altura, um advogado chamado Brady, encenaram um quadro representando Adão e Eva em cima de uma mesa de *snooker* que já não era utilizada, ele de *slips*, ela de *soutien* e calcinhas, com uma rabeca de taco a fazer de serpente e uma bola vermelha a fazer de maçã. Todavia, a história posta a correr, a que aparecera

num obituário e que era recordada dessa maneira mesmo por algumas pessoas que tinham estado presentes, era que Molly dançara nua, na véspera de Natal, em cima de uma mesa de *snooker* num castelo da Escócia.

— Uma rapariga encantadora — repetiu Clive.

Ela olhara-o bem de frente ao fingir trincar a maçã e sorrira-lhe provocadoramente por entre as dentadas sonoras que dava na bola, com uma das mãos sobre uma anca saliente, como um número de *music-hall* em que parodiasse uma prostituta. Ele tomou aquilo por um sinal, a maneira como ela o fitava, e, claro, em Abril estavam outra vez juntos. Ela mudou-se para o estúdio de South Kensington e ficou lá todo o Verão. Isso foi mais ou menos na altura em que arrancou com a coluna gastronómica e em que foi à televisão denunciar o guia Michelin como o «*kitsch* da culinária». Foi igualmente a altura em que também a ele a sorte bateu à porta, com as *Orchestral Variations* no Festival Hall. Pela segunda vez. Ela provavelmente não tinha mudado, mas ele tinha. Dez anos decorridos já aprendera o suficiente para a deixar ensinar-lhe qualquer coisa. Ele sempre fora do género impetuoso. Ela ensinou-lhe a astúcia sexual, a necessidade ocasional de imobilidade. Fica quieto, assim, olha para mim, olha bem para mim. Somos uma bomba-relógio. Ele tinha quase trinta anos na época, um bocado atrasado pelos padrões actuais. Quando ela arranjou uma casa e fez as malas, ele pediu-lhe que casasse com ele. Ela beijou-o e citou-lhe ao ouvido: «*Para ela não partir, ele pediu-a em casamento/Agora ela não o larga nem um momento.*» Molly tinha razão, pois, quando se foi embora, ele ficou mais feliz do que nunca por estar sozinho e escreveu as *Three Autumn Songs* em menos de um mês.

— Alguma vez aprendeste qualquer coisa com ela? — perguntou Clive de súbito.

Em meados dos anos 80, Vernon tivera uma segunda oportunidade, durante as férias numa propriedade da Um-

bria. Nessa altura era correspondente em Roma do jornal que agora editava e era um homem casado.

— Nunca me consigo recordar do aspecto sexual — disse após uma pausa. — Tenho a certeza de que era magnífico. Mas recordo-me de ela me ensinar tudo sobre túberas, como se apanham, como se cozinham.

Clive concluiu que isto era uma maneira de fugir à questão e decidiu não entrar em confidências. Olhou para a entrada da capela. Tinham de ir até lá. Ficou surpreendido ao ouvir-se dizer com ferocidade:

— Sabes, devia ter casado com ela. Quando entrou em decadência, era capaz de a ter matado com uma almofada ou coisa assim para a poupar à piedade de toda a gente.

Vernon ria enquanto conduzia o amigo para fora do Jardim das Recordações.

— Isso é bom de dizer. Estou mesmo a ver-te a escrever hinos para os presos cantarem no recreio, como aquela sufragista, como é que ela se chamava?

— Ethel Smyth. Eu fazia as coisas melhor do que ela.

Os amigos de Molly presentes no funeral teriam preferido não estar num crematório, mas George deixara bem claro que não ia haver discursos. Não queria ouvir aqueles três ex-amantes a compararem em público comentários dos púlpitos de St. Martin's ou de St. James', ou a trocarem olhares enquanto ele fazia o seu próprio discurso. Quando Clive e Vernon se aproximaram, ouviram a tagarelice habitual dos *cocktails*. À parte a ausência das bandejas com champanhe e das paredes de um restaurante para devolverem o som, aquilo mais parecia a inauguração de uma nova galeria de arte ou um almoço dos meios de comunicação social. Tantos rostos que Clive nunca vira à luz do dia, com um aspecto terrível, fazendo lembrar cadáveres que se tivessem erguido para saudar quem acabara de morrer. Revigorado por este acesso de misantropia, deslocou-se suavemente através da algazarra e ignorou o seu nome quando o chamaram, afastou o